

O “Altar” de Julia Debasse

Peço licença às divindades de todas as religiões para começar este texto.

O narrador do conto *A Igreja do Diabo*, de Machado de Assis, relata a criação de uma igreja pelo “coisa ruim” a fim de desafiar Deus. Para tanto, “prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos”. O tinoso pretendia que a permissividade de sua igreja atraísse a todos, contudo, com o tempo, ele percebeu que seus fiéis não eram tão devotos assim. Acendiam uma vela para o Diabo e outra para Deus: “Um dia, porém, longos anos depois notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes. Não as praticavam todas, nem integralmente, mas algumas, por partes, e, como digo, às ocultas.” E Deus lhe fala: “- É a eterna contradição humana.”

Quem não pode com mandinga não carrega patuá, diz o adágio.

“As crenças e as credences populares frequentemente transgridem o cânone religioso que foi estabelecido pelos livros ou pela própria tradição. A religiosidade do povo não hesita em sacrificar um deus ao outro, sobrepondo os altares e as oferendas.”, afirma Julia.

O sincretismo religioso brasileiro – e nossa miscigenação – é, em grande parte, fruto de violência. De acordo com Walter Benjamin, “nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie”.

As primeiras expressões artísticas humanas, reza a lenda (que alguns também chamam de história da arte), possuíam um aspecto místico, ou espiritual. O ser humano, ao que parece, precisa confiar em alguma coisa, busca a fé como uma tábua de salvação. Simbolizar é uma maneira de transcender.

Segundo Julia, nesta exposição, “Cada pintura é um altar onde os símbolos de variadas crenças e objetos ligados à superstição se misturam. Elas falam sobre a vontade de acreditar, sobre a vontade de repelir o mal e atrair o bem, sobre o desejo por proteção quando nos sentimos tão desassistidos pelos poderes constituídos aqui na Terra. Os acúmulos de ícones e referências parecem deixar claro que a vontade de acreditar é maior do que uma única crença. Ela se alastra pelo tempo e se agarra onde pode, escorada em mitos e deuses antigos. Com essas pinturas, busco criar unidades de representação que causem, simultaneamente, sensação de identificação e estranheza. Atrair e repelir. Amuleto e talismã. A fé popular se move com movimentos que atraem o que é bom e repelem o que é mau.”

As simpatias estão firmemente arraigadas em nosso folclore, costumes e tradições. Os trabalhos de “Altar” não pretendem ter um caráter ritualístico, embora guardem certa semelhança com os pequenos altares que podemos encontrar em alguns lares brasileiros, onde se misturam santos, figa, olho turco (ou grego), pimentas, estátuas de Buda ou da Divina Mãe Kwan Yin, olho-de-boi, imagens do meu “padim” padre Ciço, de Anastácia, do Caboclo, de Preto Velho ou do Zé Pilintra, Ganesha, plantas de poder como a espada-de-são-jorge e o peregun, fitinhas do Senhor do Bonfim, terços, Iemanjá, búzios, velas, carrancas, caveiras, Krishna, Shiva, pedras, cristais, sal grosso, arruda, muiiraquitãs e assim por diante, em variadas combinações. Queremos crer em algo mágico. Qualquer coisa que seja.

“A fé dos altares populares não é ciumenta, não exige o holocausto de seus filhos, sabe que Deus tem muitos nomes.”, diz Julia.

As religiões não têm monopólio sobre Deus.

André Sheik, maio de 2019.